

## **“Qual é teu interior?”: Uma investigação sobre memória coletiva e identidade na cidade de Fortaleza - CE**

**“Qual é teu interior?”: An investigation into collective memory and identity in the city of Fortaleza-CE**

**“Qual é teu interior?”: Una investigación sobre la memoria colectiva y la identidad en la ciudad de Fortaleza-CE**

Recebido: 26/01/2023 | Revisado: 10/02/2023 | Aceitado: 11/02/2023 | Publicado: 17/02/2023

**Lia Pereira Sabino**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3354-3090>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [lia.sabino@ufpe.br](mailto:lia.sabino@ufpe.br)

**Lúcia Leitão**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4935-2077>  
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [lucia.leitao@ufpe.br](mailto:lucia.leitao@ufpe.br)

### **Resumo**

A cidade de Fortaleza tem sua história e construção no tempo intimamente ligadas a processos de migração advindos do interior. Nesse contexto, esta pesquisa articula as noções de memória coletiva, cidade e identidade, buscando elucidar de que maneira a memória coletiva afeta o processo de construção de uma identidade vinculada à cidade de Fortaleza entre sujeitos de origem interiorana. Para tanto, tem na Teoria das Representações Sociais sua chave de compreensão do fenômeno estudado e lança mão das técnicas de entrevistas de história de vida em combinação com perguntas exploratórias tendo a interpretação de sentidos como guia para a análise do material coletado. Os resultados da pesquisa indicam a influência da memória coletiva sobre o estabelecimento de vínculos de identidade com Fortaleza entre os sujeitos de origem interiorana, atuando por meio dos grupos sociais que detêm uma memória interiorana comum. A união desses grupos no espaço da cidade facilita a transmissão e manutenção dessa memória coletiva interiorana que proporciona uma maior identificação com o interior de origem em detrimento da construção de uma identidade vinculada a Fortaleza.

**Palavras-chave:** Memória coletiva; Cidade; Identidade; Representações sociais.

### **Abstract**

The city of Fortaleza has its history and development intimately linked to migration processes coming from towns within the countryside. In this context, this research deepens in the notions of collective memory, city and identity, seeking to elucidate how collective memory affects the process of building an identity linked to the city of Fortaleza among subjects from country town's origin. For this purpose, the Theory of Social Representations is the key to understanding the studied phenomenon and makes use of life history interview techniques in combination with exploratory questions, having the interpretation of meanings as a guide for the analysis of the collected material. The research results indicates the influence of collective memory on the establishment of identity links with Fortaleza among subjects of country town's origin acting through social groups that maintain a common collective memory from the countryside town. The union of these groups in the city space favors the transmission and maintenance of such collective memory that provides a greater identification with the country town of origin to the detriment of the construction of an identity linked to Fortaleza.

**Keywords:** Collective memory; City; Identity; Social representations.

### **Resumen**

La ciudad de Fortaleza tiene su historia y desarrollo estrechamente ligada a los procesos migratorios desde los pueblos. En ese contexto, esta investigación profundiza sobre las nociones de memoria colectiva, ciudad e identidad, buscando dilucidar cómo la memoria colectiva incide en el proceso de construcción de una identidad vinculada a la ciudad de Fortaleza entre sujetos de origen rural. Para ello, la Teoría de las Representaciones Sociales es clave para la comprensión del fenómeno estudiado y hace uso de técnicas de entrevista de historia de vida en combinación con preguntas exploratorias, teniendo la interpretación de significados como guía para el análisis del material recolectado. Los resultados de la investigación indican la influencia de la memoria colectiva en el establecimiento de vínculos identitarios con Fortaleza entre sujetos de origen rural que actúan a través de grupos sociales que tienen una memoria

rural común. La unión de estos grupos en el espacio de la ciudad favorece la transmisión y el mantenimiento de esta memoria colectiva rural que proporciona una mayor identificación con el pueblo de origen en detrimento de la construcción de una identidad vinculada a Fortaleza.

**Palabras clave:** Memoria colectiva; Ciudad; Identidad; Fortaleza; Representaciones sociales.

## 1. Introdução

Diversos historiadores, geógrafos e também romancistas, abordaram à sua maneira a temática da forte presença do interior na cidade de Fortaleza. Há vários estudos de reconstituição da história do Ceará sobre os processos que transformaram Fortaleza de vila pobre, no início do século XIX, em principal centro urbano cearense em cerca de 50 anos. (Dantas, 2006; Silva, 2006; Costa, 2014; Dantas, 2011). Neles é possível vislumbrar como o modelo de colonização; a economia baseada no binômio gado-algodão; o cenário internacional da indústria têxtil; as constantes secas; e a consequente discrepância entre o desenvolvimento da capital e das demais cidades cearenses, contribuíram para a inegável presença do interior na capital, “cujo devenir está umbilicalmente ligado ao Sertão” (Dantas, 2006, p. 246).

É do interior que advém a maior parte da população que comporá a elite da capital – em um passado mais remoto – e os demais quadros da classe média e pobre, em momentos subsequentes (Dantas, 2006). Nesse cenário, apesar de sua localização litorânea, Fortaleza é frequentemente referenciada pelos estudiosos da cidade por expressões como “Capital do Sertão” (Dantas, 2006; 2011); “Metrópole Sertaneja do Litoral”; “Metrópole do semiárido que despeja o sertão no mar” (Silva, 2006); “cidade litorânea-interiorana”; “cidade com imaginário interiorano”; “cidade litorânea com alma sertaneja” (Dantas, 2011).

Importante pontuar que, diferentemente de outros estados nordestinos, onde pode haver a presença de sub-regiões como zona da mata e agreste, no Ceará apenas o sertão se faz presente. Dessa forma interior e sertão são, via de regra, tidos como sinônimos em antagonismo à capital Fortaleza.

Naturalmente, desde o século XIX, essa ligação umbilical com o interior tem guiado em grande medida a construção da cidade no tempo, positiva ou negativamente. Seja orientando o crescimento em direção ao sertão, seguindo as vias de penetração no interior, seja através dos constantes processos de expulsão, contenção, controle social e segregação dos imigrantes. Esses processos, ao longo da história de Fortaleza, não só definiram quem ocupa quais espaços, como atuaram na construção de representações sociais sobre quem faz e quem não faz parte da cidade, implicando também em questões subjetivas como a construção de vínculos de identidade. Como resume bem Borzachiello Silva (2006, p. 45) ao escrever sobre os recém-chegados à capital em decorrência da seca:

Antes que se aproximassem muito das *famílias de bem e de bens*, rígidos códigos de obras e de postura entravam em vigor, orientando, disciplinando e controlando a vida na cidade. Sem poder atender às exigências dos códigos e a forte segregação imposta, os sertanejos migrantes continuam até hoje nas bordas, aguardando o momento de adentrar, participar e desfrutar da cidade (grifo no original).

A questão da presença interiorana em Fortaleza é constantemente abordada sob diversos enfoques. Desde estudos que realizam reconstruções históricas sobre a cidade e os processos de migração, até pesquisas que enfatizam as implicações demográficas e econômico-sociais do êxodo, o crescimento urbano e os processos de segregação socioespacial. Há, no entanto, uma lacuna quando se trata de uma abordagem voltada à subjetividade, em que se considere sobretudo as implicações dessa questão na relação dos sujeitos de origem migrante com a cidade. É para essa lacuna que voltamos nossos esforços de pesquisa.

Em Fortaleza, é possível ouvir uma pergunta repetida onde quer que se vá. Nas conversas corriqueiras, nas negociações dos balcões de loja do Centro, nas primeiras apresentações entre desconhecidos: “Qual é teu interior?”. A naturalidade com a qual é repetida soa equivalente a perguntar o nome de alguém. A resposta pode variar: Limoeiro, Reriutaba, Quixeramobim, Baturité, Pentecostes. Talvez se escute: “nasci aqui, mas minha família é de: Chorozinho, Quixadá, Morrinhos, Canindé”. Mas raramente se ouvirá um “sou daqui de Fortaleza mesmo”.

Entre esses nascidos na capital, muitos têm pais ou avós naturais de cidades interioranas. Têm nelas parentes os quais visitam, viajam para elas em datas comemorativas, passaram nelas férias durante a infância. Construíram grande parte de suas memórias afetivas nesses lugares e atrelaram parte de quem são a esses interiores amados. Um lugar no mundo que anunciam como seu: seu interior. Esse vínculo permanece no tempo, é transmitido através de gerações, e com a pergunta “Qual é teu interior?” é reafirmado como parte importante da identidade de muitos fortalezenses.

É revelador que, se refletirmos sobre essa pergunta abertos a interpretações mais amplas e metafóricas, é possível vislumbrar outros sentidos que ela pode conter. No sentido mais óbvio ela indaga sobre um espaço físico, um lugar, que – pelo uso do pronome possessivo – pertence ao sujeito, uma *cidade sua*. Cidade essa interiorana em contraposição à capital. Ela pergunta também sobre o passado, a ascendência, a origem familiar e a migração para Fortaleza, sobre a história e sobre a *memória* do sujeito, vivenciada por ele ou herdada. Por fim, em seu sentido metafórico, ela pode ser lida como um questionamento de certa forma ontológico, sobre o interior, no sentido de âmago, essência, como se a relação com uma cidade e com uma memória constituíssem sua própria identidade.

O fato de ser repetida com frequência e naturalidade e a maneira como é formulada já evidenciam que a pergunta pressupõe essa memória de migração, esse vínculo com uma cidade interiorana e, por conseguinte, uma identidade ligada a essa cidade por meio da memória, apesar de Fortaleza. Ou seja, apesar de habitar uma outra cidade que não a *sua*. Seria possível então, que o estabelecimento de um vínculo com a cidade de Fortaleza seja afetado por essa memória que conecta o sujeito a uma cidade interiorana?

Foi essa a fagulha das primeiras inquietações que animaram esta pesquisa e que incitam questionamentos de ordem mais abrangente. Que tipo de relação se dá entre as pessoas e suas cidades? O que faz alguém eleger uma cidade como sua e assim a descrever? Que elementos atuam para que uma pessoa vincule sua própria identidade a uma cidade? Qual o papel da memória nesse processo? Como a inserção em um grupo influencia esse processo?

Para organizar essas inquietações em torno de uma pergunta problema na qual pudéssemos centrar nossa atenção e tentar compreender as questões colocadas, partimos de três categorias de análise: Memória, Cidade e Identidade. Desta forma, de antemão cabem alguns esclarecimentos: Entendemos Memória a partir de uma perspectiva halbwachiana, ou seja, como fruto de um processo de construção, e também reconstrução, que se dá por meio da coletividade, estando sempre localizada no contexto de grupos sociais precisos e ancorada em um quadro espacial (Halbwachs, 1990). Compreendemos a Cidade como uma construção no tempo, realizada pela coletividade (Rossi, 2001). Representativa, através de sua materialidade, da sociedade que a erigiu (Argan, 2005). Lugar e parte da condição humana, condicionada e condicionante (Rossi, 2001; Mumford, 1970). Quanto à identidade, aqui a entendemos a partir da concepção pós-moderna de sujeito. Ou seja, a identidade não como uma essência fixa e una, mas fragmentada. Formada e modificada em um diálogo contínuo com a alteridade (Hall, 2006). Embora esta seja vivenciada pelo sujeito, de maneira fantasiosa, como unificada e resolvida em uma “confortadora narrativa do eu” (Hall 1990, como citado em Hall 2006). Nesse sentido, quando falamos de identidade nos referimos a essa “narrativa do eu” que proporciona um sentimento de continuidade e coerência, mas que de fato nunca é completa ou definitiva. Contemplamos também a perspectiva coletiva de identidade quando atrelada a uma comunidade simbólica (Hall, 2006; Schwarz, 1986 como citado em Hall, 2006) e sua vinculação ao espaço através do conceito de identidade social urbana (Valera & Pol, 1994).

Embora a noção de “espaço” não seja aqui adotada como uma categoria de análise, para evitar confusões epistemológicas, é importante deixar claro que sempre que aqui falamos de espaço o fazemos a partir da compreensão da arquitetura, tal como aclaram Leitão e Lacerda (2016). Ou seja, um espaço que não existe *a priori*, mas é originado, fruto da ação humana criadora e propositiva.

Dessa forma, podemos reelaborar nossas inquietações através da pergunta problema: Como a memória coletiva afeta a construção de uma identidade vinculada à cidade de Fortaleza entre os sujeitos de origem interiorana? Cabendo esclarecer que, por “sujeitos de origem interiorana” não queremos dizer necessariamente naturais do interior, mas sim sujeitos que, em sua origem familiar, possuem um passado recente de migração interiorana para a capital.

A articulação entre memória e espaço já é explorada pelo próprio Halbwachs (1990) merecendo todo um capítulo em seu livro póstumo “A memória coletiva”. Também Rossi (2001), inspirado em Halbwachs, fala sobre a relação entre memória e cidade, vendo na memória grande potencial para a compreensão da “alma da cidade” e da natureza dos *factos urbanos*. Quanto à correlação entre memória e identidade, esta é, há muito, explorada e frequentemente empregada por diversos autores, a exemplo de Candau (2019); Bosi (2003) e Le Goff (1990). No entanto, são ainda poucos os estudos que articulam memória cidade e identidade ou que tenham na memória uma chave de compreensão das relações mútuas entre o espaço e aqueles que nele habitam.

As contribuições mais pertinentes para essa questão encontram-se nos campos da Psicologia Social e da Psicologia Ambiental. Esta última, tem nas relações entre o ser humano e seu meio físico seu principal objeto de estudo, no entanto, seu enfoque foi, durante muito tempo, voltado para um aspecto empirista dessa relação. Centrava-se de maneira limitada nos efeitos do contexto físico sobre os processos psicológicos (Jodelet, 2002). Foi apenas após reconhecer a complexidade do espaço, abandonando uma perspectiva apenas material e o considerando como “sócio físico”, marcado pela cultura e pela história em uma construção temporal, que esse campo de estudo passou efetivamente a contribuir para a questão da inter-relação causal ou significante entre o espaço e os sujeitos e grupos (Jodelet, 1996).

Nessas contribuições se inserem estudos que têm na memória um ponto fulcral de compreensão de como sujeitos e grupos se situam e se ligam ao espaço que habitam. O tema da memória não foi levantado nessa perspectiva até um período relativamente recente, quando em 1992, numa conferência sobre Psicologia Ambiental e Arquitetura do *International Association for People-Environment Studies* (IAPS), foi abordada a temática das relações entre memória, significação e identidade dos lugares e do ambiente, com o intuito de refletir sobre as metamorfoses sociais e ambientais (Jodelet, 2002). Com destaque para os trabalhos de Armstrong (1992) e Heynen (1992). Vale reforçar que essas contribuições só foram possíveis após o entendimento de que “a significação do espaço é marcada pela cultura e pela história, numa construção temporal, e que as significações subjetivas que lhe emprestam seus ocupantes têm a ver com a biografia e a história de seu grupo” (Jodelet, 2002, p. 32).

É dos estudos propostos por Denise Jodelet, realizados dentro da Psicologia Social, que advém as ideias que mais se aproximam da temática que pretendemos abordar no presente trabalho. Jodelet se propõe a compreender de que forma é dado o sentido ao espaço, por meio da construção operada pelos sujeitos sociais utilizando-se para isso de uma abordagem vinculada às *representações sociais*, e à memória coletiva, envolvendo a identidade dos sujeitos e dos grupos (Jodelet, 2002).

Em sua pesquisa sobre Paris (Milgram & Jodelet, 1976 como citado em Jodelet, 1996) ela, ao lado de Milgram, percebe o papel da memória coletiva na perpetuação e construção de representações sobre o espaço, que tem efeito direto sobre as significações atribuídas a determinados áreas – *arrondissements* – da capital francesa. Ela defende que essas representações do espaço são também representações sociais cunhando o termo *representações socioespaciais*. A partir desse trabalho outros estudos serão publicados com maior enfoque na memória e na identidade (Jodelet, 1982/2015; 1986; 1992/2015; 1996; 2002;

2005; 2010; Jodelet & Haas, 2019). Pesquisas e discussões semelhantes, dessas tributárias, serão também levadas a cabo por outros pesquisadores, a exemplo de Alba (2002; 2014).

Em meio a essa breve revisão de estudos pertinentes à nossa discussão teórica, vale notar que a totalidade dos trabalhos citados foram realizados por pesquisadores internacionais, sendo essa temática ainda pouco explorada no Brasil. Ainda assim, vale destacar nessa temática as publicações de Macêdo e Neves (2016) e Bade e Garcia (2022). Esse fato, por si só, já justificaria uma relevância em nosso empreendimento. No entanto, ao ter como objeto empírico um grupo cuja memória remete a um passado de migração, intencionamos também ampliar as discussões já feitas para incluir a complexidade das implicações da memória coletiva na construção de um vínculo de identidade com a cidade em um grupo que tem em seu passado uma história de deslocamento entre espaços.

Dessa forma temos como objetivo geral elucidar de que maneira a memória coletiva afeta o processo de construção de uma identidade vinculada à cidade de Fortaleza entre os sujeitos de origem interiorana. Para cumprir esse objetivo, elencamos como objetivos específicos:

- a) Averiguar a transmissão e manutenção de uma memória coletiva interiorana entre os sujeitos descendentes de famílias migrantes do interior.
- b) Investigar a união e coesão dos sujeitos de origem interiorana no espaço em Fortaleza.
- c) Observar como se dá o processo de identificação com a cidade de Fortaleza, com o interior e com o espaço do bairro, entre os sujeitos de origem migrante interiorana.

## 2. Metodologia

Para cumprir os objetivos acima dispostos, seguimos em parte os caminhos metodológicos abertos por Jodelet ao tratar dessa temática e aderimos à Teoria das Representações Sociais como *teoria da abordagem* (Minayo, 2016). Ou seja, como um “enquadramento” de entendimento mais abrangente a partir do qual tentamos compreender o fenômeno pesquisado. Quanto aos procedimentos propriamente ditos, nos utilizamos de entrevistas de história de vida em combinação com perguntas exploratórias tendo a interpretação de sentidos como guia para a análise do material coletado, como detalharemos melhor a seguir.

Ao propor um estudo que se debruça sobre as implicações da memória coletiva na relação entre sujeitos e cidade, produzindo (ou não) vínculos de identidade, procuramos seguir a “lei de ouro”, como escreve Bosi (1993), de que as técnicas de coleta de dados devem ser adequadas ao objeto de pesquisa. Dessa maneira, a técnica de história de vida e sua combinação a perguntas exploratórias se mostra de todo adequada aos nossos objetivos.

A *história de vida* como uma modalidade de entrevista procura obter dados de “experiências íntimas” dos sujeitos. Experiências essas de importância ao tema pesquisado. Os relatos são coletados por meio de entrevistas onde é fundamental que o entrevistado se sinta à vontade para contar sua própria história e se expressar sem receios de reprovação (Selltiz et al., 1965 como citado em Marconi & Lakatos, 2002). Nela é imprescindível que o recordador se sinta livre para encadear e compor, à sua vontade, os momentos de seu passado. Como escreve Bosi (2003, p. 56), “se a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência de seu grupo.” (Bosi, 2003, p. 56) A combinação da história de vida com perguntas exploratórias aproxima-se do que costumeiramente se chama de entrevista aberta ou em profundidade, ou seja, uma entrevista em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do pesquisador são feitas pontualmente apenas buscando aprofundar algumas reflexões (Minayo, 2016). Nesse caso, no entanto, há a especificidade de que o tema tratado circunda a própria história de vida do entrevistado.

A adequação a essa combinação de técnicas se faz, em primeiro lugar, pelo fato de que em uma entrevista de história de vida o entrevistado é convidado a discorrer de maneira livre sobre ele mesmo e sua própria história, realizando uma espécie de “narrativa do eu”. Ou seja, ele conta sobre sua história e fala sobre si de modo a dar sentido à sua própria identidade. A identidade do sujeito não é de fato unificada e resolvida, no entanto, ele assim a vivência como uma fantasia de si mesmo, e é essa narrativa unificada e dotada de sentido pelo sujeito em seu próprio relato que queremos captar percebendo de que forma o sujeito relaciona sua própria identidade ao espaço em que habita (Hall, 2006).

Segue-se a isso que para contar sua própria história o sujeito se utiliza de relatos do passado, ou seja evoca suas memórias pessoais, a partir do presente, para construir sua narração sobre si mesmo. Memórias essas que são afetadas por reconstruções feitas no momento presente e que estão sempre vinculadas, segundo o pensamento de Halbwachs (1990), ao tempo, ao espaço e aos grupos sociais dos quais o sujeito faz parte. Essas memórias pessoais, também segundo Halbwachs (1990), estão permeadas pela coletividade, são um ponto de vista singular da memória coletiva dos grupos ao qual o sujeito pertence. Na história de vida, portanto, torna-se possível averiguar a existência de uma memória coletiva associada a uma determinada *comunidade afetiva* (Halbwachs, 1990), bem como acessar o conteúdo dessa memória coletiva.

A combinação com perguntas exploratórias, já muito utilizada nas pesquisas em memória social, a exemplo de Bosi (1993, 2003), aqui se faz pertinente para ajudar a contemplar nos relatos coletados a questão do espaço, ou seja, da cidade. As perguntas exploratórias servirão para guiar o entrevistado a situar seu relato de memórias em relação ao espaço em que habita, deixando ler os vínculos de afeto e pertencimento estabelecidos com a cidade.

Ao direcionar a entrevista de história de vida para memórias relacionadas ao espaço – à cidade de Fortaleza e à cidade interiorana – e também aos grupos aos quais o sujeito entrevistado pertence – sobretudo a comunidade afetiva formada pela origem comum no interior do estado – podemos então cumprir com os objetivos específicos apresentados na introdução. Ou seja, investigaremos a permanência de uma comunidade afetiva entre os sujeitos descendentes de famílias migrantes bem como sua coesão no espaço; averiguaremos a manutenção e a transmissão de uma memória coletiva interiorana entre esses sujeitos; e observaremos como se dá a construção da identidade atrelada a cidade de Fortaleza, ao interior ou ao espaço do bairro de acordo com as memórias pessoais relatadas.

Por tratar-se de uma modalidade de entrevista bastante longa e que exige um maior esforço de análise posterior, houve uma limitação do número de entrevistas possíveis. Dessa forma, foram realizadas oito entrevistas de história de vida precedidas por três entrevistas-piloto, para sondar a viabilidade da técnica e realizar ajustes no modelo adotado.

O perfil de entrevistados procurado foi de moradores de Fortaleza com origem familiar no interior do estado. Apenas uma entrevistada nasceu no interior, sendo todos os outros nascidos na capital e com pelo menos um dos pais vindos do interior. Esse padrão de escolha se justifica pelo nosso objetivo específico (a), que tem como propósito averiguar a transmissão e manutenção de uma memória coletiva interiorana entre os sujeitos descendentes de famílias migrantes do interior. O contato com os entrevistados foi realizado por intermédio de indicações feitas por lideranças comunitárias e religiosas de diferentes regiões da cidade, resultando em perfis de entrevistados bastante heterogêneos em relação a sexo, idade, profissão, renda e interior de origem. Para preservar a identidade das pessoas ouvidas, utilizamos aqui pseudônimos que homenageiam algumas personalidades cearenses de origem interiorana. Os perfis dos entrevistados em resumo foram:

- Rosemberg, 22 anos, universitário, morador da Granja Portugal e com família proveniente de Reriutaba;
- Adísia, 27 anos, assistente pedagógica, moradora do Bom Jardim e com família proveniente de Chorozinho;
- Rachel, 29 anos, psicóloga, ex-moradora da Cidade dos Funcionários e atual moradora do Benfica, com família vinda de Ererê;

- Fausto, 30 anos, sommelier, ex-morador do Antônio Bezerra e atual morador da Aldeota, com família de origem em Pentecostes;
- Milton, 32 anos, engenheiro, morador da Parquelândia e com família original de Santana do Acaraú;
- Eleazar, 36 anos, autônomo, ex-morador dos bairros Parque São José, Maraponga e Montese e atual morador do Centro, com família oriunda de Palmatória, distrito de Itapiúna;
- Tomásia, 52 anos, pedagoga, moradora do Bom Jardim e com família proveniente de Pacoti e Trairi;
- Jovita, 65 anos, dona de casa, moradora do Canindezinho e nascida em Limoeiro do Norte.

Quanto aos bairros de residência, metade dos entrevistados reside hoje em uma mesma região conhecida como Grande Bom Jardim, que compreende cinco bairros localizados na periferia sudoeste de Fortaleza: Canindezinho, Siqueira, Bom Jardim, Granja Lisboa e Granja Portugal. A região abrigava, já em 2004, cerca de 180 mil habitantes e sofre com o estigma de região pobre e violenta (Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano [GPDU] & Centro de Defesa à Vida Herbert de Souza [CDVHS, 2004]). Mas o Grande Bom Jardim é também notável pela presença considerável de pessoas advindas do interior como mostra o diagnóstico sócio participativo da região (GPDU & CDVHS, 2004). Tal fato é evidenciado pela toponímia de um de seus bairros, Canindezinho, em alusão à cidade interiorana de Canindé e também enfatizado por Mapurunga (2015), ao escrever sobre o bairro Bom Jardim. Essa condição da região justifica nossa decisão de reservar metade da amostra de entrevistas para essa região a fim de cumprir nosso objetivo específico (b), ou seja, investigar a união e coesão dos sujeitos de origem interiorana no espaço em Fortaleza.

As entrevistas foram realizadas por telefone, tendo em vista as condições sanitárias de pandemia no ano de 2020, e, com a autorização dos entrevistados, foram gravadas e transcritas em sua totalidade. Sabemos que a análise e a interpretação ocorrem ao longo de todo processo, não havendo fronteiras claras entre coleta e início do processo de análise e interpretação (Gomes, 2016, p. 73-74). No entanto, para melhor organizar o material coletado e facilitar o processo de escrita e exposição dos resultados, dividimos o tratamento dos dados em três etapas. Em um primeiro momento, após as entrevistas, foram realizadas suas respectivas transcrições. Em um segundo momento, antes de partir para a interpretação propriamente dita, realizamos uma análise das transcrições, que, de acordo com Wolcott (1994, como citado em Gomes, 2016), tem como objetivo ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando uma relação entre as partes decompostas. Assim compomos pequenas sinopses das histórias de vida coletadas, destacando e relacionando algumas falas mais significativas que tratassem da memória interiorana, das comunidades afetivas, das percepções sobre o bairro, a cidade e o interior e do sentimento de identificação com relação a esses espaços.

Munidos dessa análise prévia partimos então para a *interpretação de sentidos*, cujo foco é a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais ligados ao tema que pretendemos investigar (Gomes, 2016). Buscamos dar atenção tanto aos pontos homogêneos, ou seja, que se repetiram em vários relatos de história de vida, como aos pontos discrepantes em relação aos demais depoimentos como um todo. Dessa forma, buscamos sentido nas falas interpretando-as à luz de nossas bases teóricas sobre *memória, cidade e identidade* e utilizando como chave de compreensão a teoria das representações sociais.

### 3. Resultados e Discussão

A memória do interior está flagrantemente presente nas histórias de vida coletadas, nas quais todos os entrevistados, logo nos primeiros minutos de seus relatos, falam espontaneamente sobre a relação com o interior, a origem familiar e a trajetória de vinda de suas famílias para a capital. O fato dessa relação com esse lugar ser umas das primeiras coisas mencionadas quando os sujeitos são convidados a falar de si, denota, de partida, como ela tem papel importante na construção de suas identidades.

A força da memória interiorana em todos relatos pessoais – memória quase sempre associada a grupos aos quais o sujeito pertence ou pertenceu –, demonstra também sua forte presença na memória coletiva dos moradores de Fortaleza com origem interiorana, posto que, segundo a teoria de Halbwachs (1990), a dita memória individual pode ser entendida como um ponto de convergência da memória coletiva. Se considerarmos ainda que os moradores de Fortaleza tem em sua grande maioria raízes no interior do estado (Dantas, 2006), podemos dizer que essa memória interiorana compõe parte importante da memória coletiva de Fortaleza.

Nos depoimentos o interior aparece, frequentemente, como esse lugar imbuído do que Jodelet (1989) chama de “encanto atemporal da origem”. Ele é referenciado como o lugar das “raízes” e da “origem” por vários entrevistados. Nesse sentido, o relato de Milton é bastante ilustrativo, visto que ele já inicia a entrevista dizendo que nasceu em Fortaleza, mas o lugar com o qual se identifica é o seu interior: “terra dos meus pais, minhas raízes” (Milton em entrevista concedida em setembro de 2020), raízes das quais ele diz ter orgulho. Sua história nos faz lembrar os *pieds-noirs* de que fala Pollak (1992), em que há uma transmissão por herança da memória de um lugar, graças a força que ela ocupa no grupo familiar, revertendo-se em laços de pertencimento.

Percebe-se também nesses relatos a presença constante da família. O interior é frequentemente narrado como o lugar onde se dá a convivência com familiares, avós, tios e primos. Assim contam as muitas memórias de Tomásia, Rosemberg, Eleazar, Fausto e Milton. Como resume Eleazar: “o núcleo da família é lá [interior] mesmo” (Eleazar em entrevista concedida em dezembro de 2020). De fato, nota-se que quanto maior a presença dessas figuras familiares nos depoimentos, mais força a memória do interior parece deter. Há, portanto, uma correlação – já prevista pelo pensamento halbwachiano – entre a presença e a força dessas memórias e a importância dada ao grupos associados ao interior, seja a família, ou ainda outros grupos, a exemplo dos amigos de brincadeiras na infância.

A presença de grupos de amigos desponta com grande força em associação com as memórias interioranas em todos os relatos. Adísia, apesar das dificuldades vividas no interior, lembra de lá com afeto ao falar dos vínculos com os amigos e vizinhos. Eleazar, Fausto e Jovita lembram sobretudo dos amigos com os quais se relacionavam na infância e adolescência, período em que tinham maior identificação com o interior. Já Milton e Tomásia falam das relações com esses grupos no presente, não só de amigos, mas também de familiares, corroborando seu vínculo de identidade atual com o interior.

Milton e Eleazar contam ainda como a ausência de amizades em Fortaleza e o grupo de amigos centrado no interior contribuíram para a identificação com este último. Eleazar narra que não se “enturmava” em Fortaleza e se sentia “invisível”, enquanto no interior segundo ele: “você entra no limite da cidade e você já está se relacionando” (Eleazar em entrevista concedida em dezembro de 2020). Também Milton repete algumas vezes em seu relato que na capital “nunca fez grandes amizades”, conta ainda como “herdou” dos pais a relação com um mesmo círculo de pessoas que assim como ele também “tem essa ligação com as raízes” (Milton em entrevista concedida em setembro de 2020).

Dessas observações é possível perceber a importância dos grupos na manutenção e transmissão da memória coletiva. Essa transmissão é vista com clareza sobretudo no relato de Milton, mas também nos relatos de Rosemberg, Eleazar e Tomásia.

Através dos depoimentos também é possível confirmar uma tendência dos grupos de origem interiorana a se unir no espaço. Não apenas de maneira geral, nas regiões que margeiam as vias de acesso ao sertão e nas áreas periféricas, mas também em determinados espaços de acordo com o interior de origem. Tomásia, Milton, Rosemberg, Eleazar e Rachel testemunham como parentes próximos, amigos da família e conterrâneos em geral, moravam sempre em ruas próximas. A preexistência de conterrâneos em um determinado espaço era inclusive um fator importante na escolha do lugar de moradia, como fica claro em seus relatos. Rachel conta também sobre as “casas de apoio” que forneciam ajuda aos conterrâneos vindos

do interior e em cujas proximidades muitos procuravam estabelecer moradia. Dessa maneira, formavam-se pequenas comunidades de pessoas advindas da mesma cidade, elegendo um bairro ou região como lugar privilegiado de moradia.

Essa união no espaço parece ser uma tentativa de manter o grupo em coesão preservando a memória desse lugar deixado para trás. Procura também manter uma comunidade de afeto que se apoia mutuamente ante uma cidade outra. Ela nutre uma memória coletiva vinculada ao interior de origem e reforça os laços estabelecidos com esse interior apesar da migração. É a confirmação do que escreve Halbwachs (1990):

[...] quando os membros de um grupo estão dispersos e não encontram nada, em seu novo ambiente material, que lhes lembra a casa e os quartos que deixaram, se permanecerem unidos através do espaço, é porque pensam nesta casa e nestes quartos (Halbwachs, 1990, p. 92).

Algumas narrativas também associam algumas características desses espaços onde se concentram na capital à suas cidades interioranas. A semelhança mencionada em unanimidade é a prática de colocar cadeiras na calçada para conversar com os vizinhos. Prática essa associada por Rosemberg ao senso de coletividade que permeia as relações no espaço habitado. Sendo este senso de coletividade também citado por Adísia, Jovita e pelo próprio Rosemberg como uma semelhança que percebem entre seus bairros e o interior. Interessante observar, que os três entrevistados em questão habitam bairros próximos e pertencentes ao Grande Bom Jardim, região notável tanto pela forte presença interiorana, como pela organização e luta comunitária.

Quanto à construção dos vínculos de identidade, todos os entrevistados trazem em comum não apenas uma ligação familiar com o interior, mas também uma grande identificação com esse interior no momento inicial de suas vidas, quando o grupo familiar ocupava lugar central em suas relações sociais. Passado esse primeiro momento observa-se algumas situações possíveis.

A primeira é bem ilustrada pelo depoimento de Eleazar, mas é também percebida em alguma medida nas histórias de Fausto e Rachel. Enquanto Eleazar integrava apenas grupos detentores de uma memória interiorana – familiares e amigos –, ele tem em Palmatória sua cidade de identificação – o que Leitão (1998) conceitua como *cidade essencial*. Os bairros que ele habitou nesse período também possuíam muitos moradores vindos do interior. Familiares e amigos da família concentravam-se nas proximidades denotando uma coesão no espaço, o que também contribuía para a manutenção e transmissão da memória interiorana e dos vínculos com o interior. Nesse período, o restante da cidade era visto com um sentimento de estranheza. Ao sair dos *caminhos familiares* (Bosi, 2003) das proximidades de seu bairro ele relata ter a sensação de se “teletransportar para outro lugar” (Eleazar em entrevista concedida em dezembro de 2020).

Mas após mudar-se para a região central da cidade e integrar novos grupos, esse vínculo com o interior aos poucos se enfraquece e dá lugar a uma identificação com Fortaleza. É só após se relacionar profundamente com a capital, como ele afirma, integrando grupos que têm em Fortaleza seu lastro espacial e se mudando para a área central, representada socialmente como o espaço verdadeiramente fortalezense, que essa identificação com Fortaleza é possível.

A segunda situação aparece na história de Milton que, ao contrário de Eleazar, Fausto e Rachel, em nenhum momento desenvolve vínculos com grupos que têm em Fortaleza seu lastro espacial. Ao longo de toda vida ele manteve laços com a família e com os grupos associados ao interior, nunca fazendo “grandes amizades” na capital. Ele também nunca sai efetivamente dos *caminhos familiares* de seu bairro, permanecendo em um espaço da cidade junto a muitos conterrâneos que ajudam a preservar a memória e o vínculo com o interior. Dessa forma sua identidade sempre esteve vinculada ao interior em detrimento de Fortaleza. Diante disso, ele resolve deixar a cidade em que nasceu e viveu por mais de 30 anos, mas pela qual não nutre nenhum afeto, como ele afirma em sua fala.

A terceira situação é, não por acaso, observada de maneira geral em todos os depoimentos dos entrevistados que residem até hoje na região do Grande Bom Jardim. Nesses relatos está presente uma memória afetiva interiorana que vai variar em força dependendo da proximidade com os grupos associados ao interior.

Para Rosemberg e Tomásia a relação próxima, ainda hoje, com familiares e amigos do interior estabelece vínculos de identidade com esses lugares no presente. Esses vínculos, no entanto, coexistem com os vínculos de identidade construídos no “território do Grande Bom Jardim”, como eles frequentemente chamam o espaço onde moram. Essa identificação com o território está presente no depoimento de todos os moradores e é sempre associada por eles à vida em coletividade e à organização e mobilização da comunidade. Nas falas de Rosemberg percebe-se ainda que essa identificação também decorre da percepção de uma origem comum interiorana em grande parte dos moradores da região. Percepção que todos os entrevistados da região relataram ter. Todos também afirmam que apesar do estigma negativo da região, sentem orgulho e afeto pelo lugar onde moram. Desenha-se, portanto, a construção de uma *identidade social urbana* (Valera & Pol, 1994) voltada para a região do Grande Bom Jardim, com grande aderência a todas as dimensões apontadas por Valera e Pol (1994) como constituintes desse tipo de vínculo identitário. Destacamos, contudo, a dimensão temporal pela sua relação com a memória. Essa dimensão ganhará força pela história de migração do interior e de ocupação da região comum aos habitantes.

Quanto à Fortaleza como um todo, é predominante o sentimento de divisão ou “*apartheid*” como chama Adísia, entre “a Fortaleza dos ricos” (Adísia em entrevista concedida em janeiro de 2021) – composta pelos bairros nominalmente citados por alguns dos entrevistados: Centro, Aldeota, Benfica, Praia de Iracema, Edson Queiroz e bairros adjacentes – e a “Fortaleza dos pobres” (Adísia em entrevista concedida em janeiro de 2021), que seriam os demais bairros. Esse sentimento de divisão e ainda de exclusão é percebido também na fala de Dona Jovita: “Eles é que não consideram nós Fortaleza”; e na fala de Rosemberg: “da ponte pra lá”, como fala os *Racionais*, é uma coisa totalmente diferente do que a gente vivencia aqui”.

Apesar da fala de Dona Jovita em que ela diz: “nós da periferia se considera de Fortaleza” (Jovita em entrevista concedida em janeiro 2021), frequentemente Fortaleza é colocada como um outro, por expressões como “sair pra cidade”; “trabalhar fora” (Rosemberg em entrevista concedida em janeiro de 2021); “ir pra cidade”; “pros lados lá de Fortaleza” (Tomásia em entrevista concedida em janeiro de 2021). Tomásia e Adísia relatam também uma não identificação com essa Fortaleza “da ponte pra lá” (Rosemberg em entrevista concedida em janeiro de 2021). A experiência de Adísia ao trabalhar na orla em que ela disse não se “encaixar”, não se “enquadrar” e “não se sentir bem” nessa área da cidade (Adísia em entrevista concedida em janeiro de 2021), e o relato de Tomásia em que ela afirma que a região central da cidade “não é o seu lugar” (Tomásia em entrevista concedida em janeiro de 2021) são bastante ilustrativos desse sentimento.

Tomásia chega a dizer que seu sentimento de identificação está no Grande Bom Jardim, mas também se estende para bairros como Bom Sucesso, Messejana, e Conjunto Ceará, e cidades da região metropolitana como Maracanaú e Maranguape. Lugares que também abrigam grande contingente de pessoas ligadas ao interior e que possuem características semelhantes ao espaço em que ela habita. Ela diz ter mais “atração” por esses lugares “do que pros lados lá de Fortaleza”, o que inferimos, pelo seu depoimento, dizer respeito a região central da cidade (Tomásia em entrevista concedida em janeiro de 2021) Tomásia diz ainda não se tratar de “coisa só da psicologia ou da afetividade” e fala que sua não identificação com “os lados lá de Fortaleza” é “coisa mesmo dos elementos da urbanidade”.

Acreditamos, portanto, na permanência de uma representação social ancorada na memória de exclusão dos grupos advindos do interior que recai sobre a percepção desses entrevistados a respeito de seu pertencimento à cidade. Seus vínculos, dessa forma, se voltam para o espaço do bairro. Mesmo Dona Jovita, que diz que “a periferia se considera de Fortaleza” (Jovita em entrevista concedida em janeiro 2021), registra essa percepção de exclusão e, em vários momentos, ao falar sobre o sentimento de afetividade e pertencimento a Fortaleza, parece estar se referindo exclusivamente ao espaço de seu bairro.

O depoimento de Rosemberg sobre sua discussão em uma rede social com alguém que dizia não “enxergar uma

identidade de Fortaleza” mostra, com muita clareza, a questão das representações sociais sobre os espaços que fazem e os espaços que não fazem parte da cidade e suas implicações sobre a questão da identidade. Ele se ressentia que a identidade de Fortaleza é associada comumente, inclusive pela mídia, apenas a espaços como Benfica, Centro, Beira Mar e Praia de Iracema, “como se não existisse outros espaços”. “Como se aquilo ali fosse a cidade de Fortaleza”. Ele então demonstra compreender se tratar de várias identidades, ressaltando bairros desconsiderados como parte da cidade, citando o Bom Jardim, a Messejana e o Jangurussu que também possuem suas próprias identidades a partir de suas vivências e memórias (Rosemberg em entrevista concedida em janeiro de 2021).

#### 4. Considerações Finais

Os depoimentos de história de vida parecem indicar a influência da memória coletiva sobre o estabelecimento de vínculos de identidade com Fortaleza entre os sujeitos de origem interiorana atuando através de alguns mecanismos. Em primeiro lugar, essa influência parece atuar por meio dos grupos, sobretudo o grupo familiar, mas também as comunidades afetivas formadas por amigos e por moradores do mesmo bairro que detém uma memória interiorana comum. A união desses grupos no espaço – fruto, em grande parte, da memória de migração e exclusão materializada na cidade –, facilita a transmissão e manutenção dessa memória coletiva interiorana que proporciona vínculos com o interior de origem e pode também se reverter em vínculos com espaços limitados na cidade, como os bairros. Nesse último caso há então a constituição de uma *identidade social urbana* (Valera & Pol, 1994) voltada para o bairro, ou regiões da cidade que não seguem necessariamente uma delimitação administrativa. Nesses espaços parece haver uma percepção de similaridade com o interior, uma identificação com a comunidade que detém origem e história comuns, e uma percepção de práticas e de estilo de vida comuns a todos. Há, portanto, uma identificação que se dá por questões territoriais, temporais, sociais, psicossociais e de conduta, todas ligadas em grande medida à memória coletiva interiorana.

Razões territoriais graças a percepção de uma comunidade que ocupa um determinado espaço da cidade; temporais pela percepção de uma história comum aos membros dessa comunidade ligada à ocupação desse espaço pela migração a partir de uma origem interiorana comum; sociais pela percepção de que todos possuem uma mesma composição social, como deixa claro a fala de Adísia sobre “a Fortaleza dos pobres”; psicossociais pela imagem que essa comunidade tem de si mesma como um grupo de origem interiorana, com fortes laços de coletividade, organização e mobilização comunitária e também religiosa e excluídos dos demais espaços da cidade; e de conduta pelas práticas cotidianas também influenciadas pela memória interiorana como exemplifica a prática de colocar cadeiras nas calçadas.

Outro modo sob o qual acreditamos atuar a memória coletiva é a partir de sua relação dialética com as representações sociais. Nesse caso, a memória coletiva interiorana e de exclusão dos migrantes interioranos funciona como “a bagagem de conhecimentos em que a representação social se ancora”, a maneira pela qual “o passado se faz presente” estabelecendo representações sociais que determinam os espaços representados como pertencentes a cidade e os representados como não pertencentes à cidade (Alba, 2019, p. 421). Ao mesmo tempo, representações sociais desse apartamento estabelecidas no passado são transmitidas e perpetuadas através da memória coletiva. Essa memória coletiva, por sua vez, também consiste em uma recomposição do passado que se dá a partir da relação com a coletividade no tempo presente e no espaço, sendo afetada pelas representações sociais sobre o espaço existentes no presente. O processo constante de construção e atualização da memória é, portanto, afetado também pelas representações sociais que excluem os espaços ocupados pelos grupos migrantes, fortalecendo entre esses grupos uma memória coletiva que se volta não para Fortaleza, mas para o interior como lastro espacial – raízes idealizadas de “encanto atemporal” (Jodelet, 1989).

## Referências

- Alba, M. (2006). *Les représentations socio-spatiales de la ville de Mexico. Expérience urbaine, images collectives et médiatiques d'une métropole géante*. (Tese de doutorado). L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França.
- Alba, M. (2019). Representações Sociais e memória coletiva: uma releitura. In A. M. de O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Org.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. (2. ed.). Brasília: Technopolitik.
- Argan, G. C. (2005) *História da arte como história da cidade*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Armstrong, H. (1992). Metamorphosis of Cultural Identity: Environmental Heritage Confusions in a Multicultural New World. In: *Socio-environmental Metamorphoses: Proceedings 12th International Conference of the IAPS*. IAPS. Halkidiki, Greece: Aristotle University Press.
- Bade, L. H. B. ., & Garcia, M. de A. . (2022). Monumentos de barbárie: lugares de memória e suas lembranças esquecidas. *Research, Society and Development*, 11(9), e5111931477. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31477>
- Costa, M. C. L. (2014). Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. *Revista do Instituto do Ceará*.
- Dantas, E. W. C. (2006). “Litoralização” do Ceará: Fortaleza, da “Capital do Sertão” à “Cidade do Sol”. In: SILVA et al. (org.). *Litoral e Sertão*. Fortaleza, Ceará: Expressão Gráfica.
- Dantas, E. W. C. (2011). *Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*. (2. ed.). Ceará: Edições UFC.
- Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano & Centro de Defesa à Vida Herbert de Souza (2004). *Diagnóstico Sócio Participativo – Grande Bom Jardim*. Fortaleza, Ceará.
- Gomes, R. (2006). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo, M. C. (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo, SP: Edições Vértice.
- Hall, S. (2006) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. (11. ed.). DP&A. ISBN 85-7490-402-3.
- Heynen, H. (1992). Body, Shape, Memory: About the Constituents of Urban Identity. In *Socio-environmental Metamorphoses: Proceedings 12th International Conference of the IAPS*. IAPS. Halkidiki, Greece: Aristotle University Press.
- Jodelet, D. (1982/2015). Les représentations socio-spatiales de la ville. In: Jodelet, D. (Ed.), *Représentations sociales et mondes de vie* (pp. 93 -108). Paris, França: Éditions des Archives contemporaines.
- Jodelet, D. (1984) Représentations sociale: phénomènes, concept et théorie. Em: Moscovici, S. (ed.) *Psychologie sociale*. Paris, França: Presses Universitaires de France.
- Jodelet, D. (1986). Représentations socio-spatiales et identité urbaine: le cas de Paris, Nantes, Rome. Ponencia presentada al simposium “City image and Identity”, 22ème Congrès Internatioal de Psychologie Appliquée, Jerusalén.
- Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: um domaine em expansion. In: Jodelet, D. *Les représentations sociales* (pp. 31-61). Paris, França: Presses Universitaires de France.
- Jodelet, D. (1992/2015). Mémoire de masse: Le côté moral et affectif de l’histoire. In: Jodelet, D. (Ed.), *Représentations sociales et mondes de vie* (pp. 127-147). Paris: Éditions des Archives contemporaines. 1992/2015.
- Jodelet, D. (1996). Las representaciones sociales del medio ambiente. In: Iniguez, L. & Pol, E. (org.). *Cognition, representacion y apropiacion del espacio: monografias psico-socio-ambientales*. Barcelona, Espanha: Publicaciones de la Universitat de Barcelona.
- Jodelet, D. (2002) A cidade e a memória. In: Del Rio, V.; Duarte, C. R. & Rheingantz, P. A. (Org.). *Projeto do Lugar*. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa Livraria / PROARQ.
- Jodelet, D. (2005) Las representaciones sociales y el estudio de la relación hombre-medio ambiente. *Psic. Soc. Revista Internacional de Psicología Social*, vol. 1, núm. 4, pp. 27-80.
- Jodelet, D. (2010) La memoria de los lugares urbanos. *Alteridades. vol. 20, núm. 39, enero-junio*, pp. 81-89. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa Distrito Federal, México.
- Jodelet, D. & Haas, V. (2019). Mémoires et représentations sociales. In: Palmonari, A. & Emiliani, F. (Eds.), *Repenser la théorie des représentations sociales*. Paris: Éditions des Archives contemporaines (collection Psychologie du social) (parution fin février). 2019.
- Leitão, L. (1998). *Os movimentos desejanτες da cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade*. Recife, Pernambuco. 171p.
- Leitão, L. & Lacerda, N. (2016). O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas. *Cad. Metrop.*. São Paulo, 18(37), 803-822, set/dez 2016.
- Macêdo, L. A. de; Neves, L. R. (2016). Em Busca do Passado: Memórias e Identidade do lugar. *Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad V. 02, Ed. Especial, dezembro, 2016*, p. 741-756 | [periodicos.claec.org](http://periodicos.claec.org) e-ISSN 2016/Atual: 2525-7870 | e-ISSN 2015/2016: 2447-018X
- Mapurunga, J. (2015). *Bom Jardim*. Fortaleza, Ceará: Secultfor. 80 p. (Coleção Pajeú).

Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2002). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. (5 ed.). Atlas.

Minayo, M. C. (2016). O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Mumford, L. (1970). *The culture of cities*. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich. 1970.

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, 5(10), 200-215, jul. 1992. Rio de Janeiro. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 24 Out. 2020

Rossi, A. (2001). *A Arquitetura Da Cidade*. Tradução: Eduardo Brandão. (2. ed.). Martins Fontes.

Silva, J.B. (2006). Fortaleza: A metrópole sertaneja no litoral. In: Silva et al. (org.). *Litoral e Sertão*. Fortaleza, Ceará: Expressão Gráfica.

Valera, S.; Pol, E. (1994). El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la psicología social y la psicología ambiental. *Revista Anuário De Psicología*, 62, p. 5-24.